

Alga azul já matou 85

LEANDRO FORTES

BRASÍLIA — A liberação de toxinas pela microalga *anabaena microcystis*, conhecida como alga azul, entrou oficialmente para o rol das principais suspeitas de ter provocado a morte por hepatite tóxica de pessoas que faziam tratamento de hemodiálise (filtração do sangue) no Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru (PE). O secretário de Saúde de Pernambuco, Jarbas Barbosa, disse ontem que vários laboratórios estão analisando as pesquisas feitas pela cientista Sandra Feliciano Azevedo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), primeira a levantar a suspeita da presença da alga azul no Açude das Tabocas, fornecedor da água usada pelo IDR.

Itaparica — Em 1988, 85 pessoas morreram, vítimas de gastroenterite, na divisa da Bahia com Pernambuco, após ingerir água contaminada por algas azuis na barragem de Itaparica. Na época, a micro-alga foi detectada e isolada pela pesquisadora Glória Maria Teixeira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pelo trabalho, Glória Teixeira ganhou o prêmio Fred Soeper, da Organização Panamericana de Saúde (OPAS), concedido anualmente às melhores pesquisas de sanitário público das Américas. "No lago de Itaparica, como na maioria dos açudes, a presença de materiais orgânicos pode criar condições para a proliferação das algas azuis e, conseqüentemente, um aumento das toxinas liberadas por elas", explicou Glória.

O resultado final das análises da pesquisadora Sandra Azevedo ainda não saiu, mas o secretário

Jarbas Barbosa reconhece que, como resultado de alguma alteração ambiental, as águas do Açude das Tabocas podem ter sido infestadas pelas algas azuis. "Já constatamos que o IDR usou a água bruta, sem tratamento, do açude", disse o secretário estadual de saúde. Segundo ele, os técnicos da secretaria estão procurando saber se houve algum caso de diarreia nos arredores do açude do início do ano até hoje.

Intoxicação — Jarbas Barbosa acredita, também, na possibilidade de a alga azul ter produzido dois tipos de toxinas: a primeira teria matado os primeiros pacientes, entre 13 de fevereiro e 2 de março, num quadro de intoxicação aguda. A segunda, graças a um processo de infecção mais longo, teria provocado as mortes ocorridas do dia 6 de março até hoje. A outra vertente dos estudos em Caruaru, disse Jarbas Barbosa, é sobre uma possível contaminação dos aparelhos de hemodiálise por metais pesados. Esses metais, segundo o secretário, são usados em quantidades controladas para fazer a limpeza das máquinas utilizadas pelos pacientes renais.

O Ministério da Saúde ainda não foi informado oficialmente sobre os estudos relativos à alga azul no açude das Tabocas, mas recebeu ontem o último boletim sobre as vítimas do IDR. Segundo o relatório da Secretaria de Saúde de Pernambuco, há 37 óbitos entre os pacientes renais do IDR, sendo que quatro pacientes morreram, comprovadamente, em decorrência da própria doença, não estando relacionados à infecção que matou os outros 33.